



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O MOVIMENTO CULTURAL DO ALTO JOSÉ DO PINHO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO: UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Autor: Leandro Wagner de Albuquerque da Silva¹
Universidade Federal de Pernambuco. leow83@hotmail.com

Orientador: Rui Gomes de Mattos de Mesquita²
Universidade Federal de Pernambuco. gomesdemattosdemesquita.rui@gmail.com

Resumo: O presente artigo é um recorte do projeto de pesquisa do curso de mestrado em educação da linha de pesquisa em Subjetividades Coletivas, Movimentos Sociais e Educação Popular do PPGE da UFPE. O objetivo principal é discutir as relações entre cultura(s) e educação a partir de um relato autobiográfico acerca do Movimento Cultural do Alto José do Pinho. A abordagem metodológica utilizada consiste numa revisão bibliográfica, além de uma análise do discurso a partir de entrevista e relato autobiográfico do autor. O artigo destaca o cenário sócio-econômico desfavorável à população do Recife na década de 1990, no qual instigou o fomento de experiências artísticas para a emancipação da comunidade do Alto José do Pinho. Para nutrir a discussão foram revisados os autores Benjamin (1933), Mesquita (2013), Brandão (1981), Hall (1997) Laclau (2000), Badiou (2013), Rancière (2009), além de Veiga-Neto (2003) e Setton (2005) que versam sobre as transformações culturais na contemporaneidade e as implicações para o campo da educação. Nas considerações finais destacou-se a importância das múltiplas culturas num processo educativo nas quais possibilitam a formação de subjetividades dos sujeitos, interferindo na maneira como esses indivíduos se relacionam com o mundo.

Palavras-chave: cultura(s), educação, punk, subjetividades.

Introdução:

Pensar a cultura como instrumento que educa através das relações sociais é desconstruir alguns pensamentos tradicionais nos quais remetem a existência de uma única cultura como sendo válida. A partir disso, não podemos nos privar de refletir acerca das maneiras como os indivíduos na sociedade contemporânea interagem com os diversos mecanismos de socialização dos saberes. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir as relações entre cultura(s) e educação a partir de um relato autobiográfico acerca do Movimento Cultural do Alto José do Pinho. Para atingir o objetivo proposto em tela faremos uma argumentação à luz de Setton (2005) e Veiga-Neto (2003). Portanto, buscaremos destacar o aporte dado por esses autores para os estudos culturais no campo da educação. Como pano de fundo, utilizaremos uma entrevista com Ailton Peste, baterista a 23 anos da banda Matalanamão e integrante do Movimento. Ainda, traremos o relato autobiográfico sobre minha experiência no decorrer de 15 anos como integrante do Movimento Cultural do Alto José do Pinho. Então, iremos expor as contribuições do referido Movimento para o

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE
² Professor Doutor do Curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da UFPE



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

campo da educação através do processo de constituição de subjetividades nos atores sociais da comunidade do Alto José do Pinho. Portanto, o que queremos evidenciar neste artigo é a perda da hegemonia da escola como único veículo de compartilhamento de saberes. No sentido de que o espaço educativo formal está carregado de princípios ocultos conservadores, no qual não se ocupa acerca da diversidade cultural existente na sociedade. Portanto, explanaremos como os diversos espaços/tempo podem favorecer o compartilhamento de outros saberes, sobretudo através da fluidez da vida social dos sujeitos, nos quais não tecem identidades fixas.

Punk Rock Hardcore

Início dos anos 1990, zona norte do Recife, precisamente na comunidade do Alto José do Pinho, um grupo de jovens a fim de fazer ouvir suas vozes começaram escrever suas marcas no cenário local. Impactando no cotidiano da comunidade através da atitude anárquica do punk rock se contrapuseram as injustiças sociais causadas pela política neoliberal que acabara de aportar no país. Os bairros periféricos do Recife agonizavam pela falta de serviços essenciais para a população, a falta de oportunidades conduzia muitos jovens para a criminalidade. O Recife carregava um índice de assassinatos alarmante. Entre os anos de 1986 e 1996 a capital pernambucana assumiu o posto de terceiro lugar no *ranking*³ nacional de homicídios de jovens entre 15 e 24 anos. A estratificação social na região metropolitana cristalizava esse panorama cruel.

Diante do cenário o qual estavam expostos, influenciados pelo *movimento punk*, inconformados com a degradação social que os atingiam, um grupo de jovens passou a manifestar suas inquietudes e constituíram bandas de rock. Foi então que, através do som distorcido das guitarras passaram a combater e denunciar as mazelas que lhes atingiam. Podemos eleger como propulsores dessa intervenção contra hegemônica musical as bandas Devotos o Ódio e Terceiro Mundo. Logo em seguida, poucos anos depois surgiram outras bandas como a Matalanamão, Arma da Verdade e Faces do Subúrbio. Assim, as narrativas musicais dos jovens suburbanos do Alto José do Pinho aos poucos foram ganhando espaço na mídia local. Chamando a atenção de outros jovens, de outras comunidades, de outras cidades.

Visitando minha memória, lembro-me quando vi pela primeira vez a banda Devotos do Ódio - anos depois a palavra *ódio* foi suprimida do nome - tocando na televisão, no extinto programa *Ver de Novo Verão* da TV Jornal do Commercio. Eram meados dos anos 1990, fiquei impressionado pela energia do hardcore, em ver e ouvir Cannibal – vocalista e baixista

³ (83) 3322.3222. Vide Mapa da Violência: Os jovens no Brasil. Juventude, violência e cidadania de 1998



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

da banda – balançando seus dreads, gritando palavras de ordem contra a violência e opressão do sistema dominante. Aquilo me soou como um chamado. A partir daquele momento também queria ser um deles. As narrativas das bandas do M.C.A.J.P. – Movimento Cultural do Alto José Pinho – contribuíram para minha formação como sujeito-político. Estava mais que evidente, compartilhávamos dos mesmos anseios, incômodos esses que nos “impedia” a nossa emancipação. Através do punk rock a emancipação parecia ser inevitável. A estética punk, os sons dissonantes das guitarras faziam nos identificar uns com os outros. Afirmo aqui, o que existia de sensível às bandas, era sensível a mim, assim como descreve Rancière (2009) partilhávamos algo em comum.

A partir de então, passei a seguir as bandas, participava dos shows, frequentava constantemente o Alto José do Pinho, fiz amizade com os músicos - eram referências pra mim –, trabalhei como *roadie* e minha rotina se dividia entre escola, casa e Alto José do Pinho. Durante aquela época insisti em aprender tocar guitarra, ir aos shows - apenas como mero espectador - já não era suficiente. Passei a utilizar as músicas das bandas como modelos de aprendizado, até receber o convite para tocar na Matalanamão, onde estou até hoje como guitarrista da banda. Assim, as ações culturais do Movimento Cultural do Alto José do Pinho cristalizaram em mim a constituição de um novo sujeito.

Acredito que, todas as manifestações artísticas e culturais presentes no Alto José do Pinho remetam as raízes do nascimento da comunidade. A origem do nome perpassa por significados que carregam a musicalidade em sua essência. Segundo pesquisa realizada pelo jornalista Montarroyos (2010), a história contada sobre a criação do bairro é ambivalente, mas ao mesmo tempo interessante. Uma versão alega existir um senhor com nome de José onde este carregava um violão e tocava seu instrumento em baixo de um pinheiro. A segunda versão da história remete ao mesmo homem como dono de terras na localidade, no qual possuía o ofício de *luthier* fabricando violões de pinho. Talvez, isso explique a herança musical herdada pelos músicos das bandas do M.C.A.J.P., não apenas pelo punk rock, mas através da existência de outras manifestações culturais como maracatu, afoxé e grupos de samba ainda presentes no Alto.

Sobre o Movimento Cultural do Alto José do Pinho vale destacar que, a necessidade de combater os problemas sociais da comunidade, inventando novas maneiras de estar e sentir o mundo, foi o ponto de partida para que os grupos fizessem valer um processo coletivo e contra-hegemônico de subjetivação. Tal ação político-cultural transbordava para além de si. Esses jovens - entre os quais me incluo - militantes da nova cena cultural aqui abordada promoviam com suas reflexões através da música, processos de identificação de outros jovens

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que passavam a se sensibilizar com as condições de vida dos moradores do Alto José do Pinho. A partir de então os sujeitos normalmente tidos, de maneira taxativa, como desocupados, em pouco tempo, através de ações culturais, inverteram - ainda que parcialmente - a visão negativa que a comunidade tinha de si própria, visto que esta deixou de compor as páginas policiais dos jornais para ocupar as páginas de cultura⁴. Foi através do som subversivo do *punk rock* que esses sujeitos foram, aos poucos, diminuindo as múltiplas formas de violência no bairro e reconfigurando a maneira como a comunidade se percebia /era percebida.

Ressalto que, esse cenário aqui descrito ocorreu paralelamente ao período de reconfiguração da educação popular e dos movimentos sociais do país nos anos de 1990, quando estes passaram a sofrer uma instrumentalização das forças hegemônicas encabeçadas pelo neoliberalismo econômico, na qual desencadeou novas identidades assediadas pela nova conjuntura político-social, onde os movimentos contra-hegemônicos populares perderam muito de sua horizontalidade. Esse momento, Mesquita (2013, p. 131) afirma ter sido afetado por uma massiva hegemonia neoliberal e um arrefecimento da radicalidade contra-hegemônica dos movimentos sociais. Foi, portanto, em contraste com um processo de estagnação do campo das lutas populares, que o M.C.A.J.P. projetou-se criticamente diante do mundo, expressando a mobilização política, onde construiu uma ação político-pedagógica através da cultura enraizada no cotidiano dos atores sociais que ali participavam.

Cultura(s) e Educação(ões)

Quando falamos em educação, não podemos esquecer que é um fenômeno social e universal, neste sentido a educação se configura como prática social. Brandão (1981, p. 7) afirma que ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Nesse sentido, segundo Setton (2005) as instituições tradicionais de educação não se mantêm mais como únicos lugares onde ocorre a constituição do sujeito, a partir deste pensamento é importante salientar a maximização dos espaços de compartilhamento de conhecimento. A cultura por sua vez, não está mais pautada num modelo único e hegemônico, centrada na tradição eurocêntrica que impunha seus valores e costumes sobre as outras culturas. Não obstante, é importante destacar que, a educação numa prática institucionalizada na qual estamos acostumados atende aos mecanismos impostos pela

⁴ Tal como destaca a matéria disponível no site <http://caravanaesporteartes.com.br/da-comunidade-nasce-uma-nova-cultura-de-fora-uma-nova-visao/>



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

cultura e economia hegemônicas, escolarizando populares, colocando-os à disposição das forças dos que estão no poder.

Portanto, diante do parágrafo anterior podemos afirmar que o ato de educar é um processo de socialização de saberes e experiências. Setton (2005) em seus estudos chama a atenção para como ocorreram transformações desse processo. A autora destaca uma ruptura com a visão clássica durkheimiana ao afirmar que a escola e a família não se constituem mais como construtoras do sujeito social. A dissociação entre essas as duas instituições no processo de subjetivação dos sujeitos a autora atribui as experiências individuais dos sujeitos. Além disso, Setton (2005) afirma que,

O fenômeno da cultura de massa, responsável pela circulação de informações, favorecido pela fragilidade das instituições tradicionais de educação, constrói um ambiente favorável à difusão de valores e padrões de conduta diversificados e por vezes heterogêneos. Nesse contexto, aponta para uma nova arquitetura das relações sociais, em que as ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais. (SETTON, 2005, p. 346)

Quanto ao que foi dito, podemos nos remeter as experiências artísticas coletivas no Alto José do Pinho como um processo de troca com a comunidade, mediando as tensões existentes entre o subúrbio e o restante da cidade, influenciando outros jovens que começaram a aparecer como futuros herdeiros da produção artístico e cultural do bairro. Assim, lembrando de Benjamim (1933), que se refere à pobreza da modernidade pela falta de experiências, notamos o quanto foram ricos esses sujeitos, nobres de experiências.

Nesse sentido, Setton (2005) nos relata o surgimento de novas modalidades educativas mediadas pela massificação do acesso à informação, onde não há mais uma centralidade, a construção da identidade e das subjetividades dos sujeitos se entrelaçam em meio ao movimento constante das novas formas de interação social. Portanto, destacamos aqui o legado da cultura *punk* aos músicos do M.C.A.J.P.. Então, podemos considerar o acesso a outras culturas/educações importantes para o fomento das identidades dos atores sociais. Como exemplo, destacamos a fala de Ailton Peste – baterista da banda Matalanamão – que, em entrevista relata:

[...] perdi muitos amigos na minha infância, né... por conta da violência seguiram outros caminhos e tal. A questão da bateria minha mãe não gostava. Eu já estava cheio de amiguinhos que faziam a mesma coisa que eu, eram outros loucos que eu não conhecia... Dei tudo pela música, que eu acho... no fundo, no fundo foi o que me salvou da questão mesmo... da criminalidade na comunidade, de outros caminhos errados que eu poderia ter tomado como adolescente. (Ailton Peste, entrevista)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O que percebemos neste breve relato é o fato da escola institucionalizada não ter sido fundamental para Ailton se livrar do caminho da violência. A música foi o elemento-chave na subjetivação de outras possibilidades para o entrevistado. Ao nos questionarmos, sobretudo, como as culturas favorecem a formação do sujeito pensaremos na heterogeneidade de mundos que este indivíduo está inserido. Ainda, podemos levar em consideração a centralidade da cultura na formação das subjetividades (HALL, 1997). Subjetividades essas, segundo o mesmo autor, nos condicionam em meio ao processo de identificação no qual permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles) (HALL, 1997, p. 8).

Assim, através da matriz anárquica do punk, as bandas com suas músicas agressivas, performáticas - em espaços públicos, remetiam à abertura de mundos, ou seja, à construção de cenas capazes causar deslocamentos ou danos aos grupos hegemônicos, favoreceram os processos de subjetivação que viviam os jovens do M.C.A.J.P. . O que nos remete ao texto de Veiga-Neto (2003), que ao citar Kant, os punks subversivos do Alto José do Pinho nada tinham de *civilizados*. Civilidade apontada como um controle das emoções e comportamentos humanos, na qual Veiga-Neto (2003) aborda ao dissertar no tocante a Cultura germânica durante a Modernidade como sendo a única válida. Cultura posicionada como hegemônica, que deveria ser seguida pelas outras, colocando em xeque as demais culturas. No entanto, o mesmo autor destaca as diversidades inerentes as tantas *culturas* no que essas cruzam com a educação, entretanto, não a fim de determinar as coisas, mas ser pautada num movimento indeterminado que amplia as capacidades dos sujeitos se relacionarem com o mundo.

Para Veiga-Neto (2003), o modelo escolar como conhecemos, principalmente no período da Modernidade foi fundamental para a proliferação da *ideologia do monoculturalismo*, o autor afirma que este modelo de educação estava à serviço do Estado regulando a sociedade sob seus ideais. Quanto o papel da escola na difusão de uma cultura dominante o autor afirma que,

Assim, assumindo tranqüilamente um entendimento generalizante, essencialista e abstrato sobre o indivíduo e a sociedade, a educação escolarizada foi logo colocada a serviço de uma Modernidade que deveria se tornar a mais homogênea e a menos ambivalente possível. (VEIGA-NETO, 2003, p. 10)

A partir do relato aqui exposto podemos considerar que, as experiências do Movimento Cultural do Alto José do Pinho se traduziram nos indivíduos através das narrativas musicadas, nas quais se propusera em criar um ambiente emancipador e contra-hegemônico. Nisso, essas narrativas transformaram-se em pensamento crítico dos atores

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sociais antes silenciados e invisibilizados pela sociedade. Portanto, este espaço/tempo da rua, dos palcos, da música, da arte subversiva, aparece desvinculado da escola existente, pois implica num ambiente contra a cultura hegemônica, amplifica os saberes populares, intervindo no mundo, subvertendo o controle social do Estado. Podemos então, a partir do raciocínio desenvolvido, dialogar com Mesquita e Assis (2013) quando afirmam que,

A arte, nessa perspectiva, não explica nem reflete mecanicamente, mas, ao contrário, desafia o mundo e sua história. Desafiando-os, os descreve no intuito de denunciar e transformar as relações humanas alienadas e opressoras do presente. Essa irredutibilidade da arte ao social, sua autonomia relativa, é que lhe possibilita (ainda que não garanta) sair dos trilhos da história; inventar outras tradições. Narrativas populares contra-hegemônicas não cabem no aqui e agora, inventam tempos, relações, constroem cenários em que os personagens possam, no desenvolvimento de tramas, se/nos expressar. (MESQUITA e ASSIS, 2013, p. 102)

Em suma, a escola nos moldes kantianos propõe uma homogeneização do currículo, a padronização dos indivíduos e a difusão de uma única cultura como verdadeira. Para se contrapor a esta afirmação Veiga-Neto (2003) destaca o deslocamento do conceito de Cultura condicionada à crise da Modernidade. O autor afirma que, a educação não pode determinar o que é o mundo, visto que este está/é inconstante e como os sujeitos que adentram neste *mundo* podem perceber outros mundos. Para dar ênfase a esta afirmação o autor relata,

[...] qualquer pedagogia multicultural não pode pretender dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele. (VEIGA-NETO, 2003, p.13)

Portanto, a ação educativa não deve objetivar, conscientizar ou lançar luzes de forma direta aos nossos pensamentos, muitas vezes decepados por imposições que condicionam a maneira de estar e sentir o mundo. Ela deve agir, ao contrário, sobre as regras, valores e códigos que geram nossos pensamentos, apostando - como fizeram os jovens do Alto. Nesse sentido, a cena aqui apontada se refere apenas à ação coletiva, pois, como nos ensina Badiou (2013, p.30), o mundo só pode ser encontrado e experimentado de outra forma que não seja por uma consciência solitária. Assim, as ações culturais do M.C.A.J.P. contribuíram para dar uma alternativa a (des)ordem social estabelecida naquele momento.

Resultados e conclusões

Podemos considerar o deslocamento fundamental, como uma força contrária a subalternidade imposta pelo poder hegemônico. Assim, para Laclau (2000, p. 59), "La dislocación de una estructura abre así a quienes son liberados de su fuerza coactiva - a quienes, por consiguiente, están fuera de ella - la posibilidad de rearticulaciones múltiples y

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

indeterminadas". Esse deslocamento provoca o surgimento do sujeito como ator político-social transformador, a partir das possibilidades apresentadas durante a ruptura que causa fissuras nas estruturas das forças hegemônicas.

Por fim, acreditamos que o processo de subjetivação dos sujeitos não se determina através de uma centralidade. As múltiplas culturas nos apresentam outras formas de estar no mundo, de agir, de sentir o mundo exterior ao indivíduo; desencadeia a construção de diversos eu que proporciona uma heterogeneidade do ser. Então, devemos pensar numa educação que esteja associada a uma interculturalidade na qual os diversos saberes contidos nos diferentes espaços possam ser compartilhados e apreendidos para a formação de sujeitos capazes de se relacionar de maneira plural com o mundo. Tendo em vista o breve relato sobre as experiências do Movimento Cultural do Alto José do Pinho, entendemos que estas corroboraram para a promoção de oportunidades educativas não escolarizadas, nas quais constituíram subjetividades coletivas promovendo ações político-culturais emancipatórias.

Referências:

BADIU, Alain. Elogio ao amor. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins, 2013.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart, (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, v. 22, nº 2, jul./dez., p. 17-46.

LACLAU, Ernesto. Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo [1990]. Nueva Visión, Buenos Aires, 2000.

MESQUITA, Rui Gomes de Mattos. Educação Popular e Sujeitos Contra-Hegemônicos: parâmetros histórico-sociológicos para um diálogo entre Paulo Freire e Ernesto Laclau. In: Paulo Freire: em debate. Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira, Marcelo Sabbatini, Rita Ribeiro Voss (orgs.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 131-168.

MESQUITA, R. G. M. ; ASSIS, R. V. . Práticas documentárias e práticas curriculares: anotações sobre a possibilidade de uma educação popular emancipadora em escolas públicas a partir do direito ao narrar. In: Projeto Didático para a Construção de Documentários: uma possibilidade de experiência popular em escolas públicas. Rui Gomes de Mattos de Mesquita. (org.). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013, p. 80-118.

MONTARROYOS, Hugo Devotos, 20 anos / Hugo Montarroyos. – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010.il. – (Tramas urbanas)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

RANCIÈRE, J. .A partilha do sensível: estética e política / Jacques Rancière; trad. Mônica Costa Netto. - São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009. 2ª Ed.; 72 p.

SETTON, Maria da Graça J. (2005). A particularidade do processo de socialização no mundo contemporâneo. 2005. Revista Tempo Social: Revista de Sociologia do depto de Sociologia da FFLCH, USP, São Paulo, p.335-350.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. Revista brasileira de educação. nº 23 Maio/Jun/Jul/Ago, 2003.

WASELFISZ J.J. Mapa da violência: Os Jovens do Brasil. Juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br